

## *A Problemática do Desenvolvimento, na Óptica de um Economista menor*

FRANCISCO JOSÉ DE SOUZA

### I — PROSPECÇÃO INICIAL

**T**ODO brasileiro, ao debruçar-se, meditativamente, sobre as causas impeditivas do crescimento nacional, em função de sua potencialidade econômica, é atraído ao devaneio, pelo esforço sobre-humano da análise, observação e pesquisa em termos de gigantismo mental, que o arroja, inelutavelmente, ao torvelinho rodopiante da problemática inextricável e esmagadora.

I/2. Essa indecisão entre meios e fins, para dominar fatos e valores, torna-o incapaz de formular um pensamento ambivalente, ou seja, um raciocínio conciso e condensado, pela aplicação do processo de síntese, na conciliação das partes analisadas que compõem o todo; isto é, o enfoque pluridimensional, a um tempo, cognoscitivo e valorativo, do planejamento econômico globalista.

I/3. Assim, o observador deve evitar, a qualquer custo, a atração dispersiva da "recherche du temps perdu", proustiana, ante os erros, e desconcertos, e desmandos cometidos ao longo da vida nacional e, quiçá, na própria fase colonial, como nos revela a história econômica do Brasil.

I/4. Obnubilados, mas eufóricos, pela ação estimulante ou psicodélica do "porque-me-ufanismo", fomos praticando desatinos sobre desatinos, a pretexto de explorar, racionalmente, isto é, sob critérios de política econômica ideal, a rentabilidade ou produtividade de algumas riquezas locais ou setoriais, se bem que, de uma forma ou de outra, lográssemos alargar o mercado interno, baixo de poder aquisitivo, que mantém marginalizados, na partilha do produto nacional ou renda "per capita", talvez mais de 50% de brasileiros.

I/5. O subdesenvolvimento ou dependência econômica e política, que marca e identifica as nações pobres ou periféricas,

é uma questão dilemática e de etiologia patológica: provém da degenerescência das elites dirigentes ou da alienação ideológica; de ativismo de sub-raças de "mestiços neurastênicos", no dizer euclideano; ou de caquexia alvar congênita, e, enfim, de corrupção visceral ou burrice conata. Em qualquer dos casos, o resultado aí está — a incapacidade no sanear, no organizar e no tornar florescente a economia nacional (em permanente regime de crises), através do planejamento sensatamente exequível.

I/6. GUERREIRO RAMOS, (1) a êsse propósito, lembra que Paulo Prado, em seu "Retrato do Brasil", — "aponta no brasileiro características que pressupõem uma temporalidade típica de atraso." Enquanto em Israel, por exemplo, e a propósito do "milagre", escreve um articulista brasileiro: (2)

"Por que houve o milagre de Israel? Porque seu povo, seu govêrno, sua gente do mundo inteiro, compreendeu que a ciência e a técnica, carregadas com sabedoria nas mãos dos que aprenderam a querer, são capazes de fazer correr água nos desertos e nascerem flôres nas montanhas de pedra."

I/7. No caso brasileiro, tal defasagem "à rebours", conformista com a condição semi ou para-colonialista, de meros fornecedores de matérias-primas ou de produtos agrícolas dispensáveis, como o café, por exemplo, ou, ainda, de produtos da atividade extrativa (minérios, madeiras etc.), a preços vis (\*) e variáveis ao alvedrio do monopolista de compra ou monopôsônio, a par da educação deficiente em relação ao "know-how", (3) e deformada pela concepção idealista de um bem-estar absoluto ou baseado na condenada propriedade privada do uso, gôzo e abuso de bens de consumo suntuários, o modo dos eletrodomésticos e quejandos.

I/8. Como observou um sagaz ensaísta, (4) a propaganda de determinada "way-of-life", alienígena, com a chancela oficial

(1) GUERREIRO RAMOS — Administração e Estratégia do Desenvolvimento, pág. 32. Fund. Getúlio Vargas, Rio, 1966.

(2) FAUSTO GAYOSO — O Brasil e o Milagre de Israel, "in" Correio da Manhã, de 12-11-1967, pág. 2, 2º Caderno.

(3) FAUSTO GAYOSO — Previsão indica queda na Economia dos EUA. "Correio da Manhã, idem, idem.

(4) CLAUDIO DE ARAÚJO LIMA — Imperialismo e Angústia, pág. 9. Edit. Civilização Brasileira, Rio, 1960.

(\*) Significativamente, o "Correio da Manhã", de 12-11-1967, publicou o seguinte:

"Para os países subdesenvolvidos a previsão é de que continuarão caindo os preços de seus principais produtos de exportação, com exceção dos minerais, beneficiados pelo consumo extra da indústria bélica dos Estados Unidos." (Pág. 2, do 2º Caderno).

de opção irreversível e condicionada por fatores “de organização da desorganização”, cria a mentalidade orientada para o “dolce far-niente”, ou seja, a classe ociosa criticada por Veblen. (5)

I/9. O crescimento econômico dos países atrasados, não pode, é evidente, ser estruturado num paradigma de plano de ação para uso geral e rígido. Seria a panacéia do planejamento.

I/10. Aos responsáveis — racionalizadores e executores — cumpre estar atentos às peculiaridades da estrutura econômica: meio; climas; população; potencial hidráulico e do subsolo; fertilidade da terra e outros fatores que influenciam, condicionam ou determinam a exploração em moldes de economicidade: investimentos “versus” rentabilidade.

I/11. Sobretudo, deve-se considerar que a ajuda das nações ricas, não é, nem poderá ser, sincera ou desinteressada, mas subordinada aos interesses de suas próprias economia e finanças.

I/12. Daí a exata observação de Georges Balandier (6) de que as sociedades tecnicamente mais adiantadas entram necessariamente em contacto com as sociedades menos desenvolvidas em posição desigual, e tendem a reduzir estas últimas aos limites de seus espaços econômico e político, para concluir que — “A exatidão dessas afirmações se aplica tanto ao colonialismo do passado quanto ao colonialismo disfarçado dos povos atualmente dominantes.”

I/13. Outro depoimento significativo, aliás de norte-americano e professor universitário (7) nos adverte que:

“O clima é ainda pior quando se trata da discussão do desenvolvimento econômico dos países *subdesenvolvidos*. Um labirinto de enganos, de hipocrisia e de fingimento confunde a discussão, tornando necessário que se faça enorme esforço a fim de se atravessar a cortina de fumaça, que obscurece o tema principal. O que é fundamental é que o desenvolvimento econômico das nações subdesenvolvidas é profundamente contrário aos interesses dominantes dos países capitalistas.”

I/14. Evidentemente, o assunto já era de inteiro conhecimento do grande Alberto Torres (8), quando, há mais de meio século, advertia, de balde, que:

(5) THORSTEIN VEBLEN — Teoría de la Clase Ociosa. Prefácio, pág. 7. Fondo de Cultura Económica, México.

(6) Apud L. J. LEBRET — “in” Suicídio ou Sobrevivência do Ocidente? Pág. 174. Livr. Duas Cidades, S. Paulo, 1960.

(7) PAUL A. BARAN — A Economia Política do Desenvolvimento Econômico, pág. 22. Zahar Editores, Rio, 1960.

(8) ALBERTO TÔRRES — A Organização Nacional, pág. 208. Imprensa Nacional, Rio, 1914.

“A exploração econômica de um território convém mais, freqüentes vêzes, às nações fortes, do que a ocupação política. A exploração não é impedida pela paz, e pode, pelo contrário, achar, em seu regímen, melhores bases de apoio e desenvolvimento.”

I/15. Mais que antigamente, na atualidade a política internacional ou diplomacia está condicionada por ideologias. Melhor diríamos: a fase atual da evolução histórica da humanidade, caracteriza-se pelo conflito de místicas. A implicação sujeito-objeto (pensamento-realidade) ou seja, o transunto da idéia para o mundo vivo da realidade, a passagem do abstrato para o concreto, efetua-se, como doutrina Mannheim, mediante a relação dialética hegeliana de topia-utopia-topia, e por isso, sublinha o sociólogo, — a ideologia, em sua concepção particular, “opera primariamente como psicologia de interesses.” (9)

## II — ABORDAGEM OPCIONAL

II/1. Mas, o que vem a ser desenvolvimento? Meier e Baldwin (10) após insinuarem que o crescimento econômico dos países pobres interessa aos ricos, porque amplia ou faz surgir novos mercados consumidores dos produtos de suas indústrias, apresentam a seguinte definição:

“el desarrollo económico es un proceso mediante el cual la renta nacional real de una economía aumenta durante un largo período de tiempo. Y si el ritmo de desarrollo es superior al ritmo de crecimiento de la población, la renta real *per capita* aumentará.”

II/2. De maneira que, se o desenvolvimento opera mudanças, pelo incremento do produto nacional bruto, ou líquido, conforme a mensuração aplicada, também estão implícitas modificações básicas na oferta de fatores fundamentais, e na estrutura da demanda dos produtos, as quais, segundo os referidos tratadistas, podem ser relacionadas do seguinte modo: (11)

“a) Los cambios particulares en la oferta de los factos comprenden:

- 1) el descubrimiento de recursos adicionales;
- 2) la acumulación de capital;
- 3) el crecimiento de la población;

(9) KARL MANNHEIM — Ideologia e Utopia, pág. 33. Edit. Globo, Porto Alegre, 1950.

(10) GERALD M. MEIER e ROBERT E. BALDWIN — Desarrollo Económico, pág. 4. Aguilar Ediciones, Espanha, 1964.

(11) GERALD M. MEIER e ROBERT E. BALDWIN — Ibidem, pág. 4.

- 4) la introducción de nuevas y mejores técnicas de producción;
- 5) la mejora de cualificación personal;
- 6) otras modificaciones institucionales y de organización.

b) Los cambios particulares en la estructura de la demanda están ligados a la evolución de:

- 1) el tamaño y la composición por edades de la población;
- 2) el nivel y la distribución de la renta;
- 3) los gustos;
- 4) otras condiciones institucionales y de organización."

II/3. Surge, agora e decisivamente, o problema da cooptação: progresso agropastorial ou industrial? Realmente, à agricultura é fase anterior à indústria e as nações altamente industrializadas tiveram na agricultura a base financiadora de seu avanço tecnológico.

II/4. Relevando essa lição de história econômica, Bryce <sup>(12)</sup> opina:

"... para os países subdesenvolvidos cujas receitas provêm, em grande parte, da venda dos produtos agrícolas, da mineração, da pesca e de atividades florestais, maiores seriam os lucros — e mais rápidos — se cuidassem, em primeiro lugar, de incrementar o desenvolvimento dessas atividades, ao invés de se lançarem apressadamente em esquemas de industrialização em grande escala. Frequentemente muito mais se pode acrescentar à renda nacional, com o mesmo capital, se êste fôr aplicado na compra de equipamento agrícola ou de sementes selecionadas e não em complexos empreendimentos industriais. O desenvolvimento da agricultura não será tão extraordinário quanto o espetáculo do crescimento industrial, mas pode representar a alternativa mais justa, à qual se deve atribuir inteira prioridade."

II/5. A nosso ver, exata seria a alternativa se focalizada nos estritos limites de aceleração econômica. Mas, na realidade, o fato político, a que se subordina o econômico, se bem seja o fundamental ou determinante, evidencia a discriminação entre nações dominantes e dominadas e, verdadeiramente, a ex-

(12) MURRAY D. BRYCE — Desenvolvimento Industrial, pág. 19. Livraria Pioneira Editora. S. Paulo, 1964.

periência mostra que não pode haver hegemonia política ou grande potência, sem o avanço, "pari passu", do binômio: indústria e tecnologia.

II/6. Eis que, em apoio da tese, trazemos o depoimento categorizado de Myrdal: (13)

"Em certo sentido a indústria representa um estágio mais elevado da produção. O desenvolvimento industrial nos países avançados se tem processado paralelamente ao seu espetacular progresso econômico e à elevação de seu padrão de vida; muitos de seus produtos transformaram-se, na verdade, em símbolos de alto nível de vida. Também, nos países subdesenvolvidos, a produtividade da força de trabalho tende a ser consideravelmente maior na indústria do que nas tradicionais atividades agrícolas. A industrialização e o aumento da parte da população ativa empregada na indústria são, portanto, um fator de aumento da renda nacional *per capita*. Nos países como a Índia e o Japão, de alta densidade demográfica em relação aos seus recursos naturais e, em particular, em relação à terra, a indústria representa, virtualmente, a única esperança de aumento da produtividade do trabalho e de elevação dos padrões de vida, embora muito seja feito para melhorar a agricultura. Mas, até mesmo nos países de escassa população — como por exemplo em muitos países da América Latina — a exploração bem sucedida de uma proporção mais favorável entre a população e os recursos naturais exige, principalmente, o desenvolvimento da indústria."

### III — DESENVOLVIMENTO E TECNOLOGIA

III/1. Revolução industrial e aceleração industrial são idéias motivadoras que, em termos de avanço da técnica de planejamento e de execução, retratam a era tecnocrática ou a "management age" de que falam Burnham e Siegfried. (14)

III/2. O poder decisório ou função administrativa tem por base a organização científica do trabalho, segundo os estudos pioneiristas de Taylor e Fayol. Segundo a doutrina fayolista, a atividade executória ou fato administrativo conjuga as operações

(13) GUNNAR MYRDAL — Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas. M.E.C., Rio, 1960.

(14) BURNHAM e SIEGFRIED (André) — Cfr. Jacques Billy, "in" Os Técnicos e o Poder, "passim." Difusão Européia do Livro, S. Paulo, 1961.

ou funções de previsão ou planejamento, organização, comando, coordenação e controle. (15)

III/3. Para uns, o planejamento ou previsão é antitético ao "laissez faire, laissez passer", enquanto a maioria, conciliatória, mormente nos países atrasados, sem falar na economia socialista, admite o planejamento governamental subordinativo da expansão das micro-economias.

III/4. Não poucos autores têm salientado essa pluralidade conceptual da palavra planejamento. Se a tecnologia socialista considera a planificação como uma visão ampla e total da integração vertical da macro-economia, outros o dividem e subdividem em mini-planos e projetos, regionais, locais ou setoriais.

III/5. Haja vista a explanação que, a êsse respeito, oferece Herbert Simon: (16)

"Emprega-se hoje a palavra *planejar* com mais frequência como rótulo de lema político ou de inconformismo político, do que como designação de determinada classe de atividade administrativa. Para os seus entusiastas, *planejar* é sinônimo de *coordenar*, *prever*, *antecipar-se* ao futuro; poder-se-ia dizer que, para eles, planejamento é sinônimo de *racionalidade*. Aos olhos de seus adversários, *planejar* envolve a idéia de arregimentação, e até de coletivismo. A maioria das emoções tempestuosas provocadas pelos termos *planejar* e *planejamento* relaciona-se exclusivamente com determinada classe de planejamento: a dos sistemas econômicos dirigidos pelo Estado."

III/6. De forma que o planejamento é um processo metodológico; uma sistematização coordenada e cognitiva da visão sócio-econômica; um método ou caminho a seguir com a utilização de meios pròpriamente selecionados, para alcançar determinado fim, no caso, o desenvolvimento uniforme da infraestrutura econômica.

III/7. Ionides (17) debatendo o tema — "Objetivos e implicações do desenvolvimento econômico — informa que, segundo Eugene Black,

(15) HENRY FAYOL — Administração Industrial e Geral, pág. 13. Editora Atlas S. A., 6ª Edição, S. Paulo, 1965.

(16) HERBERT SIMON — "Apud" Henri N. Bunbury "in" Uma Teoria Geral do Planejamento, de Benedicto Silva, pág. 132. Ed. Fund. Getúlio Vargas, Rio, 1964.

(17) EUGENE BLACK — "Apud" M. G. Ionides "in" Organização Administrativa para o Desenvolvimento Econômico, pág. 1, Ed. Fundação Getúlio Vargas, Rio, 1964.

"Ninguém ainda codificou regras para uma contribuição efetiva ao desenvolvimento econômico, e eu declaro desconhecer se existem cinco, cinquenta ou quinhentos princípios, que possam ser úteis aos que se dedicam à assistência econômica.

.....  
A assistência será efetivamente válida se na realidade vier a constituir um esforço sério e bem estudado para melhorar a economia do país beneficiado."

III/8. Se, pois, o avanço econômico racional depende da planificação global ou estatal, com ênfase dos setores prioritários e em perfeito sincronismo com a política financeira, cumpre dotar as organizações ligadas ao desenvolvimento econômico com os recursos humanos capazes, no sentido da eficiência ou produtividade. É o que, a propósito, nos ensina Harbison (18), em seu estudo sobre o capital humano de alto nível, como medida de progresso econômico:

"Em linhas gerais, o estágio de desenvolvimento de um país, quando avaliado por êsses indicadores do potencial humano, demonstra uma correlação positiva com a fase de desenvolvimento acusada pelas estimativas da renda nacional *per capita*. As diferenças relativas, todavia, entre alguns países avançados e outros menos desenvolvidos podem ser maiores, em termos do potencial humano de alto nível, do que em termos da renda nacional *per capita*. O quadro seguinte, apresentado apenas para fins ilustrativos, demonstra êste fato muito claramente:

P A Í S	Nº DE PESSOAS EM 1.000 HABITANTES COM O MÍNIMO DE 12 ANOS DE INSTRUÇÃO	RENDA NACIONAL "PER CAPITA" EM DÓLARES AMERICANOS
Nigéria.....	0,8	64
Egito.....	10,7	110
Itália.....	31,4	594
União Soviética.....	112,6	721
Estados Unidos.....	288,0	2.800

"A Itália, por exemplo, tem 39 vezes mais pessoas com 12 ou mais anos, do que a Nigéria; a renda nacional *per capita*, entretanto, é somente cerca de nove vezes maior. De igual forma, a U.R.S.S. possui um potencial

(18) FREDERICK H. HARBISON — "in" Recursos Humanos para o Desenvolvimento, págs. 3/4. Edit. Fund. Getúlio Vargas, Rio, 1965.



humano de alto nível *per capita* 11 vezes maior do que o Egito, mas sua renda nacional *per capita* é apenas sete vezes maior.

Por outro lado, as diferenças relativas das reservas de potencial humano de alto nível e da renda nacional entre os Estados Unidos e o Egito são, aproximadamente, iguais, ao passo que a comparação entre os Estados Unidos e a União Soviética demonstra uma diferença relativa maior na renda *per capita* do que na reserva do potencial humano de alto nível."

#### IV — CONCLUSÃO

IV/1. Como vimos, e para concluir, é o elemento humano que resolve o problema do aceleração da expansão econômica. Dos dias correntes é o soberbo exemplo oferecido pelo Japão e pela Alemanha Ocidental, seguidos pela Inglaterra, França e Itália. De uma economia aniquilada do após-guerra, partiram, "ab ovo", para a reconstrução nacional, expandindo a industrialização e a tecnologia, em nível acima ao do período anterior à conflagração mundial de 1939/1945.

IV/2. Em nosso caso, que é o de um país jogado ao vórtice inflacionário e à anarquia financeira, onde os salários, para usarmos a expressão de Malthus, crescem em proporção aritmética, em contraste com a progressividade geométrica dos preços, pela inflação dos custos, e que se poderia representar pelo fenômeno da "bola-de-neve", invocariamos, sem rebuscamentos semânticos, tão ao gosto atual, a expressividade do progresso sino-germano-israelita, e, oxalá, sobre ele meditassem as nossas autoridades administrativas.